

EDUARDO WHITE

O PAÍS DE MIM

associação dos escritores moçambicanos

22.

Não sei se agora
era um corpo que escreveria
ou um país como este que é o meu,
com feridas fundas
e vozes de sangue por entre os dentes.

Não sei que amor aqui ainda sobrevive
ou canta,
ou respira,
nem que pássaros afloram por estes rios
com corpos apodrecendo dentro.

Não sei se aqui há lugar que sobeje
para se morrer,
ou quem nos lembre depois disso,
sei que é duro o tempo,
a evocação do sangue,
as desavenças.

Sei que é hora de continuar
cuidando da nossa colmeia,
como certas abelhas,
e levantar as antenas,
as espadas infalíveis
e prudentes.

23.

Há vezes que nem é a morte que se teme,
o seu sossego de cinza,
a sua solidão escura,
mas como se morre.

Quando morrer
quero fazê-lo sem rumor algum,
sem ninguém que me chore
ou a quem doa.

E queria a morte uma ave,
nocturna ave
sigilosamente partindo
para outro tempo.

Para morrer, fá-lo-ia
em total silêncio,
severo
e lícido.

24.

Tão humanos são Deus
e o Poder,
tão similares seus domínios.

Depois ...
repara tu como reencarnam
esse homem interior que nunca chegamos a ter,
esse ideal pelo qual nos pedem para morrer.

— 34 —

25.

Diário é também
o ofício da morte neste país,
essa gangrena de fome e de sede
e de desentendimento.

E se o fogo em círculo, que nos cerca,
lembra nossas quotidianas invulgaridades,

cada noite aqui iluminada
pela determinada vigília dos soldados,
pela boca ácida dos seus fuzis,
é a gente que ama
nos nervos de qualquer cama
nossos amores sagrados.

— 35 —